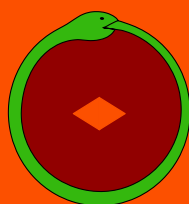
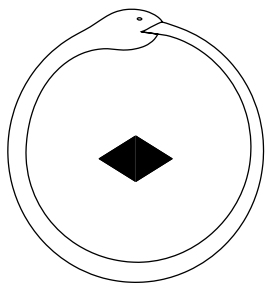


A SELVA E A SEIVA

Flecha 4



cadernos
SELVAGEM



A SELVA E A SEIVA

flecha 4 ➡

A *Selva e a Seiva* é uma FLECHA SELVAGEM sobre plantas, especialmente as plantas mestras, chamadas também de plantas professoras, aquelas que abrem a percepção da realidade cósmica da vida.

A energia da vida vem do sol e é tragada pelos seres fotossintéticos, algumas bactérias, algas e plantas. A energia da vida é cósmica.

A flecha 4 acompanha o percurso da luz à seiva elaborada e o poder dado a algumas plantas de visão e cura.

Com a consultoria do pajé Huni Kuĩ Dua Busê e de Cristine Takuá, *A Selva e a Seiva*, segue a sequência de flechas narradas por Ailton Krenak e produzidas pelo Selvagem.

Como uma cerimônia, é o pajé Dua Busê quem abre e encerra a flecha. Ele narra a história de Nixaxa Kaiani, o canto da Jiboia.

O pajé Dua Buse é o mentor junto com o pajé Agostinho Ika Muru da escola viva Huni Kuĩ, projeto que inspira todo o ciclo Selvagem.

Nessa compostagem de imagens – conceito criativo de nossa série audiovisual a partir do uso de imagens já existentes – contamos com pintores como Lastenia Canayo, Chonon Bensho, Maria Klabin, Alexandre Vogler e Rember Yahuarcani.

É nessa diversidade de narrativas que a flecha alça sua jornada, com música, palavras e imagens muito além da especulação racional da mente.

INSPIRAÇÕES

Além de experiências, de conversas e do próprio conteúdo dos ciclos de estudos Selvagem, as flechas são inspiradas em leituras.

Aqui as três principais obras escritas consultadas:



Una Isi Kayawa – Livro da Cura (Dantes, 2014) reúne o profundo conhecimento das plantas e as práticas medicinais do povo indígena Huni Kuin, também conhecido como Kaxinawa, maior população indígena que habita a região do Rio Jordão, no Acre.

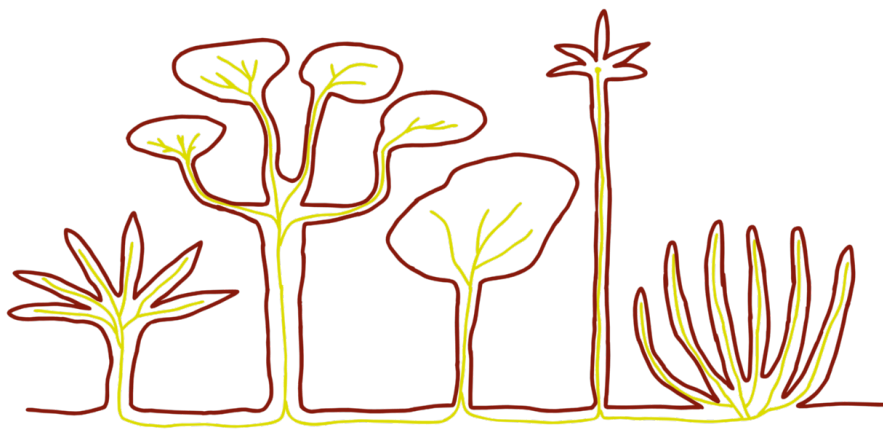


Carta Psiconáutica (Dantes, 2015) do antropólogo e etnobotânico Pedro Luz é um livro sobre plantas psicoativas. Aborda vegetais como veículos fecundos para o encontro com o divino, cura e conhecimento.



Roça Barroca (Cosac Naify, 2011), da poeta e tradutora Josely Viana Baptista, reúne, em um mesmo volume, o mito poético da criação do mundo dos Mbyá-guarani, integrantes do grupo Tupi (“3 cantos sagrados dos Mbyá-Guarani do Guairá”, em apresentação bilíngue guarani-português) e poemas originais da autora, frutos de seu contato com a cultura ameríndia.

Vamos embarcar?





NA REWE NIXAXA KAINIRÃ

Esse é o canto de Nixaxa Kaiani

IYÃ UKEMERANU DUA BUSÊ

NE NIKATANIKI

Dua Busê escutou no fundo do lago

YUBE KANARÃ HAWÊ REWERÃ

O canto da jiboia

HÃ NIKA BIRANI HAWÊ MAE

TAMI TARNITÃ

OuvIU e voltou para sua aldeia



DUA BUSÊ BEIT RAMI NIXI PAE XARABUI

Dua Busê faleceu e se transformou em
vários cipós

HAWÊ BU KAWAI

O seu cabelo virou chacrana

HAWÊ PUKU NAXTUANU YUTXI PESHEI

No seu umbigo nasceu pimenta malagueta

BERU SHÃTU RABEANU

Nos seus dois olhos

SHURU RUME RABE PESHENIKI

nasceram dois tabacos

HASKATÃ HAWÊ REWER

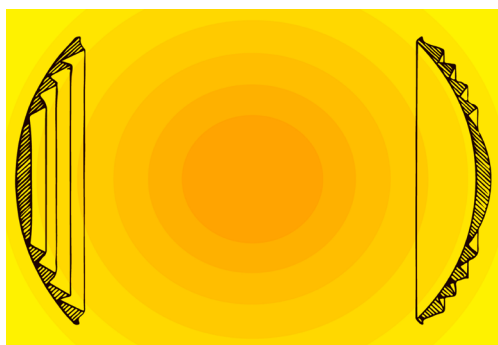
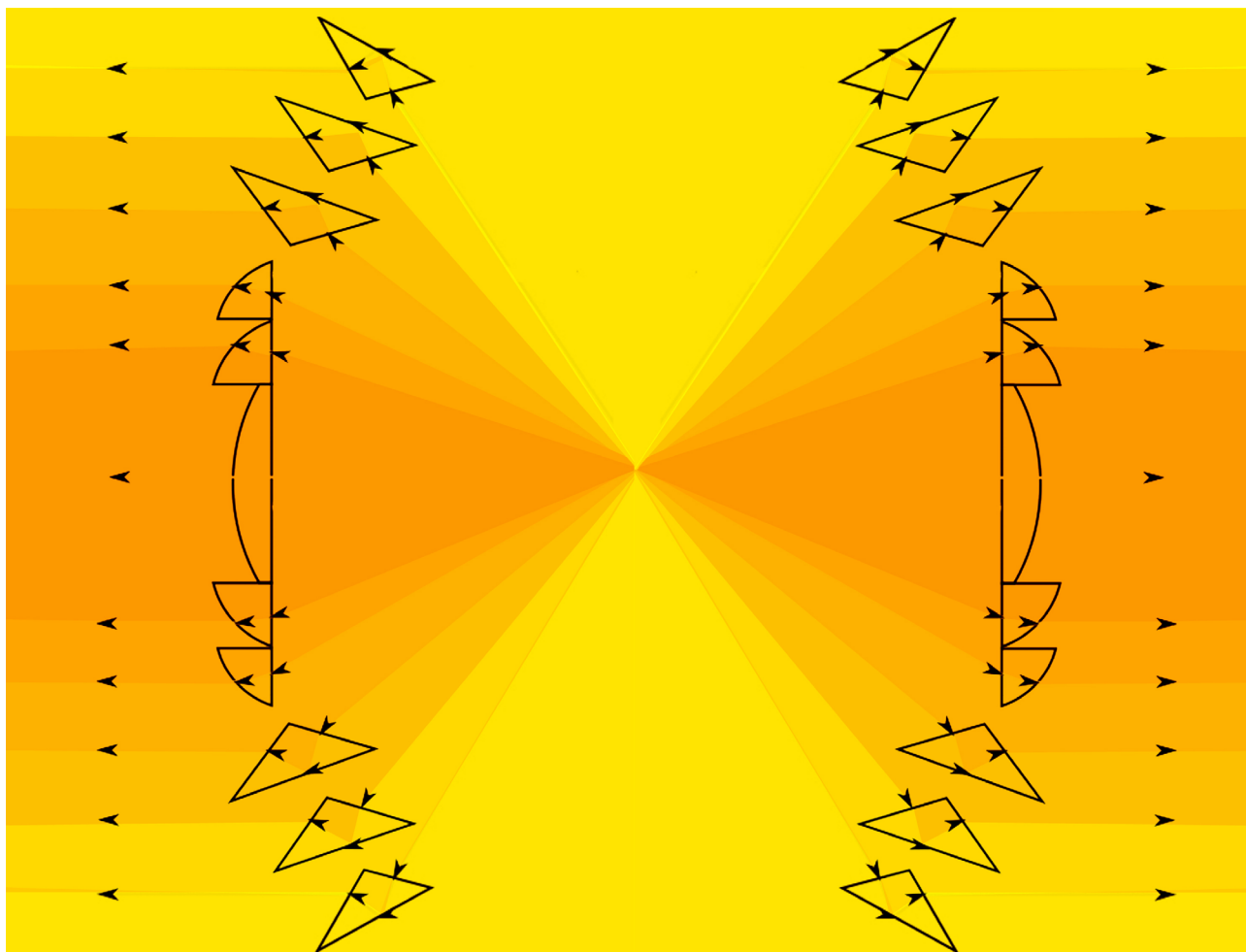
Esta é o primeiro canto

UNURI ANIKIAKI

para cipó.



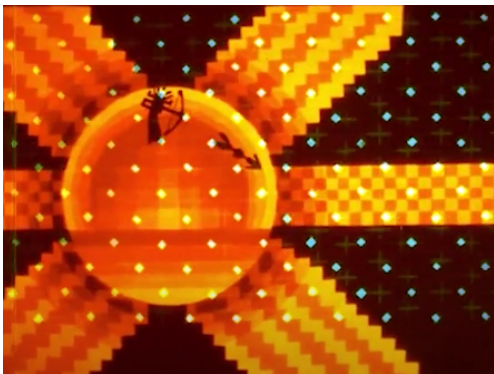
EDILENE YAKA,
Yube Nawa Aibu, aldeia Xico Kurumim.
Coleção particular



A luz está constantemente viajando
no espaço.

Na Terra ela chega irradiada do Sol.

ALEXANDRE VOGLER,
Ilustrações para o livro
Só o sol sabe sair de cena, de Vitor Paiva
Dantes Editora, 2015



Seus poderosos raios são filtrados por camadas da atmosfera.



Os raios atravessam a atmosfera e são tragados por plantas, algas e cianobactérias,



transformadores que os convertem em oxigênio.

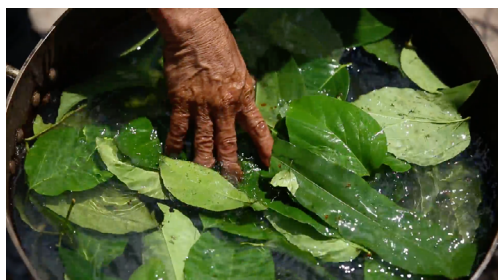
GERALD MCDERMOTT,
Arrow to the sun, 1974
 © Gerald McDermott



THIAGO CARVALHO WERA'I

Avaxi Ete'i – Milho Verdadeiro, 2017-2018

Imagens: Cacique Wera'i Poty,
Caio Tupã Mirim, Para Yry Geni e Thiago
Carvalho Wera'i

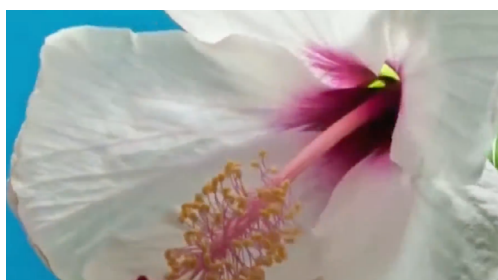


CAMILLA COUTINHO SILVA,

Una Shubu Hiwea, 2017

Todas as plantas têm poder.

Elas curam,



DADIY EYOMN H SHGT,

Hibisco

adubam,



ANNA TARADEVICH,
Vitória-Régia

oxigenam,



BM BOW,
Camomila

acalmam,



ESTEVÃO CIAVATTA E REGINA CASÉ,
Um pé de que? Mandioca
Pindorama Filmes

acolhem,



Unconditional Surrender, 1956
National Foundation for Infantile Paralysis
(Eli Lilly & Co.)

vestem,



MULLIGAN BROTHERS MEDIA,
Time Lapse of a beautiful lavender plant growing

limpam,



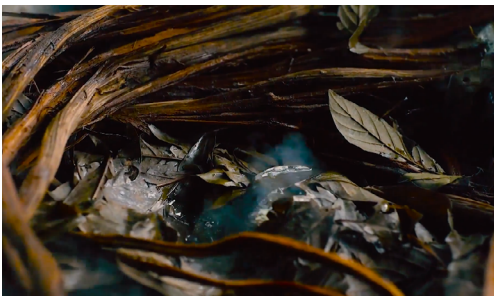
ELISA MENDES,
Noite de lua cheia, 2021
 aldeia rio Silveira

abrigam,



ELISA MENDES,
Colhendo a rainha, 2018
 Aldeia Ni Yuxibu (Altamira),
 rio Tarauacá, Acre

perfumam...



ELISA MENDES,
Feitio, 2018
Aldeia Ni Yuxibu (Altamira),
rio Tarauacá, Acre

Entre elas existem as plantas mestras.
Donas do caminho cósmico
que a luz percorre.



JOSIAS MANÁ KAXINAWÁ
& TADEU SIÃ KAXINAWÁ
Os Cantos do Cipó, 2016
Edição: Leonardo Sette
Realização: Vídeo nas Aldeias

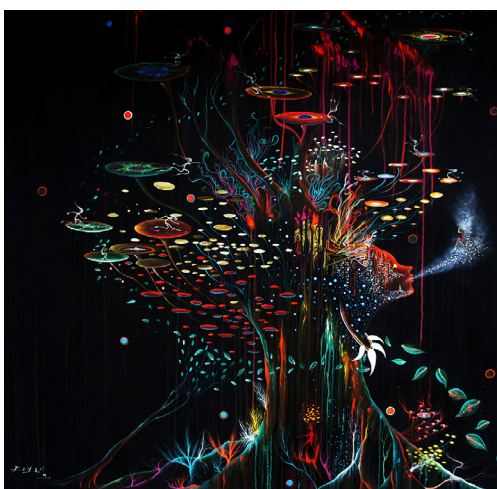
Seres que quando ingeridos
oferecem a miração,



REMBER YAHUARCANI,
Los Primeros humanos, 2015
Acrílica sobre tela. 70 x 80 cm
Coleção particular



o poder da visão,



o poder de admirar afora
qualquer desejo de especulação da mente.



REMBER YAHUARCANI,

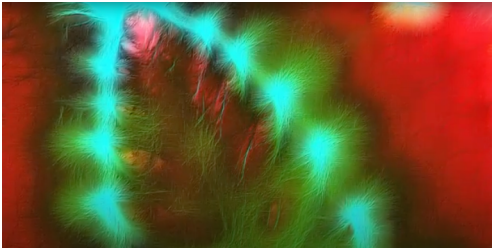
El descanso, 2021. Acrílica sobre tela.

80 x 90 cm. Coleção particular

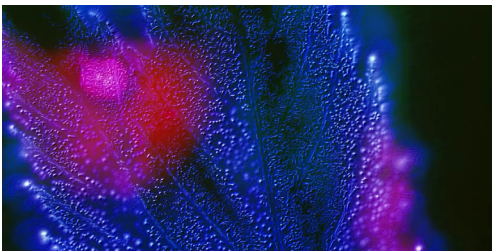
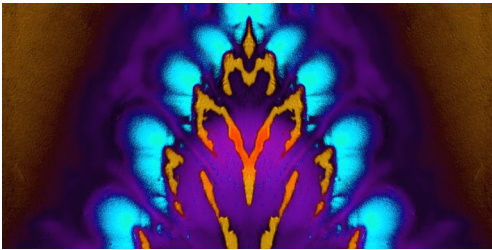
La Primera Chacra, 2013. Acrílica sobre tela.

120 x 120 cm. Coleção particular

Jomas, 2008. Acrílica e tintas naturais sobre
llanchama (tronco de árvore). 140 x 120 cm

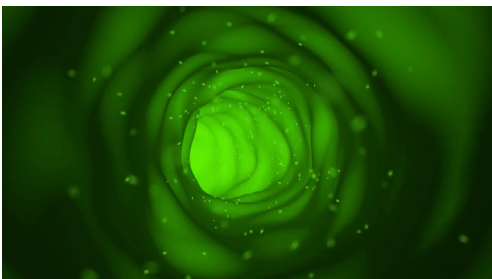


Há ciência no instante que a luz se acende por dentro dos corpos que absorvem essas plantas.



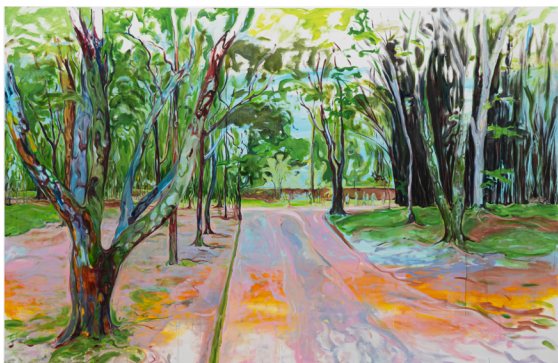
A luz precisa da água para produzir a vida.

ARTWORX,
Kirlian photos: Galaxy of plants, 2016
 © artworx
 Imagem cortesia de Elinar Göhring



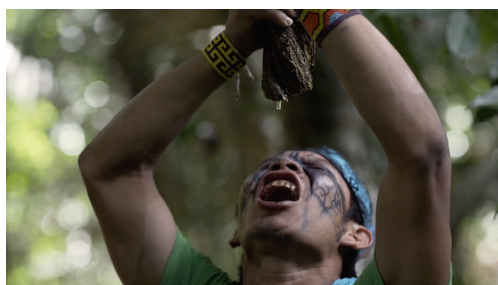
A luz mergulha na frequência das águas no interior das plantas.

AREA 6,
Travelling through water-filled xylem inside a plant



MARIA KLABIN,
Jardim "Pau Brasil", 2020
Óleo sobre linho. 260 x 405 cm

Brota do encontro entre luz e água,
a seiva elaborada que circula como um
sangue vegetal em raiz, ramos, caules,
troncos, flores, folhas e cipós.



TAUA KLONOWSKI,
Una Shubu Hiwea, 2017

Das seivas das plantas mestras



ELISA MENDES,
Água do mariri, 2018
Aldeia Ni Yuxibu (Altamira),
rio Tarauacá, Acre

são preparados sumos, chás ou pós.

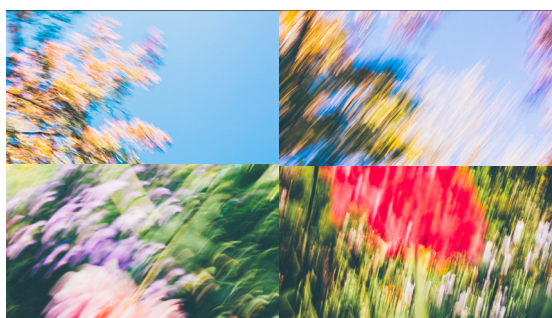


Preparados que purificam os organismos
que os ingerem.



Para os povos que estudam com as plantas,
a alma, ou o espírito não é algo separado do
corpo,

CHONON BENSHO,
Rao Nete (mundo medicinal), 2018.
Óleo sobre tela
El sueño del dietador, 2018.
Óleo sobre tela



algo de um mundo além, de um mundo
desencarnado.

A alma é a ânima, a essência da matéria,

sem ela nada é vivo.

ELISA MENDES,
Vejo pouco, sinto muito, 2014
Giverny, França



Mulungu

Sálvia



Piri piri

Nixi Pae

Caju



Yagé

Língua-de-cão

LASTENIA CANAYO (Pecon Quena),
Dueño del Huairuro, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño del Piri Piri, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño de Lengua de Perro, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm



Tabaco



Aperta ruño

Daime

Verbena

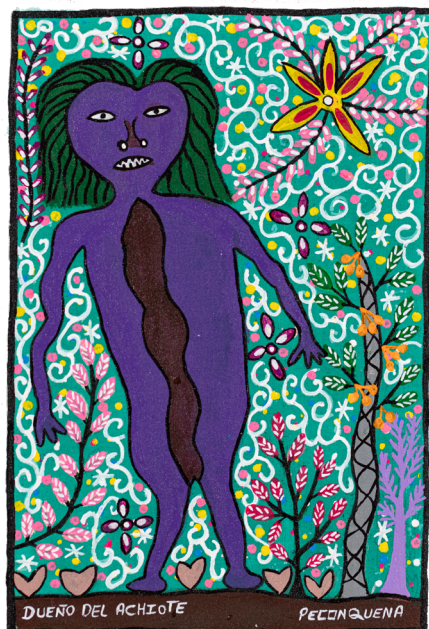


Santa Maria

LASTENIA CANAYO (Pecon Quena),
Dueño del Casho, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño del Matico, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño de la Hierba Luisa, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm



Unha-de-gato



Zabumba

Roucou

Jurema



Barbasco

LASTENIA CANAYO (Pecon Quena),
El Dueño de la Uña de Gato, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño del Achiote, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueña del Barbasco, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm



Quina

Goiaba



Peiote

Renaquilla



Iboga

Mandioca

LASTENIA CANAYO (Pecon Quena),
Arbol de Quina, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño de la Guayaba, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño del Maní, 2021. Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm



Mastruz



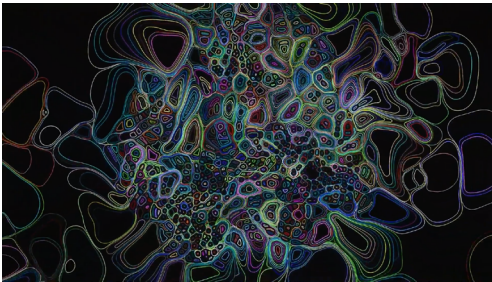
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola
Virola

LASTENIA CANAYO (Pecon Quena),

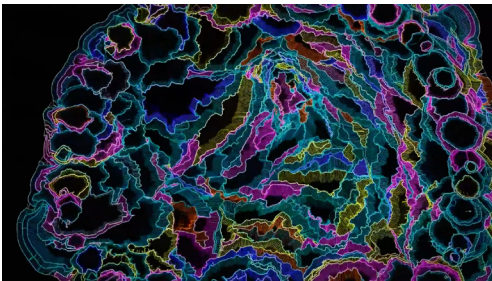
El Dueño del Paico, 2021.
Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm
Dueño de la Ayahuasca, 2021.
Acrílica sobre tela. 26 x 39 cm



Plantas mestras são veículos fecundos para outras realidades.



Elas permitem acesso ao estado essencial da existência.



Elas abrem a percepção para o microcosmos interior, o mundo microbiológico do qual os corpos são feitos.

MAX COOPER, MAXIME CAUSERET,

Order from Chaos, 2016

© Max Cooper © Maxime Causeret

Uso sob a política de fair use



Os corpos estão sempre em transformação

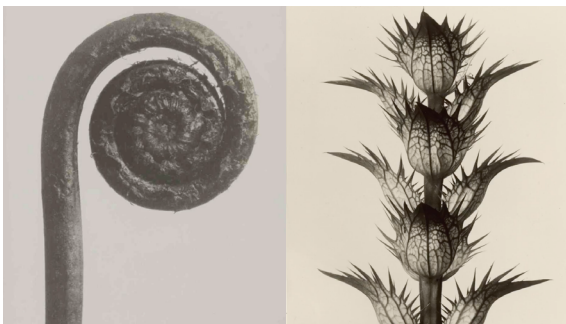
SCIENCE FRIDAY

Unwinding the Cucumber Tendril Mystery, 2012

Uso sob a política de fair use



Somos seres multiespécies.



E as plantas mestras conduzem a vida ao
âmago dessa metamorfose.

KARL BLOSSFELDT,
Hydrangea arborescens, 1915-1925. Impressão sobre
papel prata/gelatina. 29,7 x 23,8 cm
Cucurbita, 1928. Impressão sobre papel prata/
gelatina. 25,9 x 20,3 cm
Adiantum Pedatum, 1915-1925. Impressão sobre
papel prata/gelatina. 29,7 x 23,6 cm
Acanthus mollis, 1928. Impressão sobre papel prata/
gelatina. 25,8 x 19,9 cm



E no interior dessa essência
as plantas curam.
Regeneram e curam.

KATI ROOVER,
Coexistence, 2018.
Full HD video installation, 22:44 min



As plantas mestras transmitem conhecimento aos seres que as absorvem.



Foi a jiboia quem ensinou a preparar o chá do vegetal.

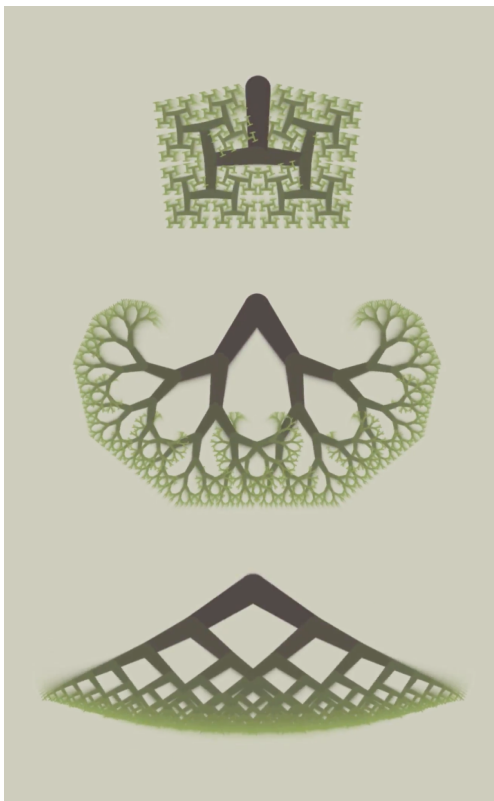


Foi a jiboia quem ensinou o Huni Kuin a cantar.



ALEXANDER SHIMPUKAT SORIA
(SHIMPUARTE) & OMBELINE GUILLAUME,
Kené, Memoria Viva de la Naturaleza, 2019

Os cantos, as músicas, ícaros ou os mantras alçam as pessoas a uma outra experiência de tempo, tempo radial, tempo espiral, tempo circular, tempo mítico, tempo de presença. Onde é possível que entidades vivas perfeçam o caminho de volta da luz, numa viagem espacial intergaláctica, sem a necessidade dos dispositivos mecânicos



JEFFREY VENTRELLA,
Tree Yoga, 2018.

Sri Krishna disse que existe uma figueira-de-bengala que tem seus galhos para baixo e cujas folhas são os hinos védicos.

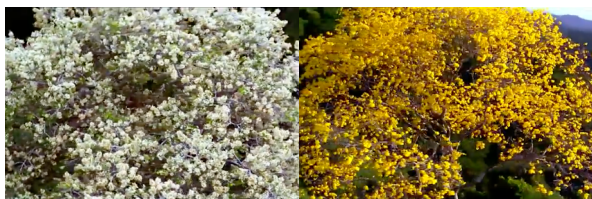
As raízes desta árvore crescem para cima porque elas começam de onde Brahma está.



DOUGLAS OLIVARES,
Céu azul bonito que reflete no rio Corocoro, 2019

Podemos vê-la refletida nas águas.

O mundo seria assim o reflexo do mundo invisível que o sustenta



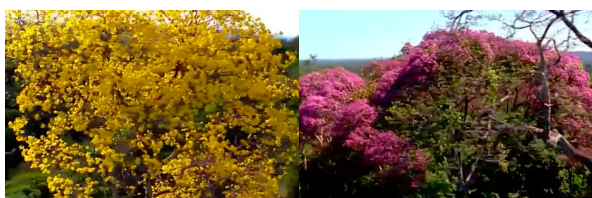
Pindovy

Samaúma



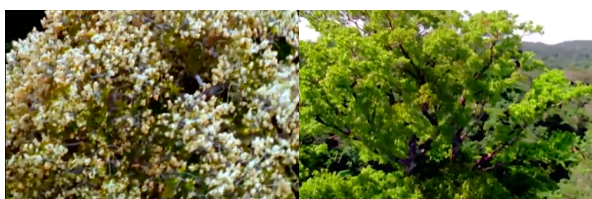
Baobá

Igi Osé



Akóko

Ōdan



Ōrogbo



Atorin

Agbao

Apáóká

SÉRGIO BERNARDES,

Tamboro, 2009. Lumina Produções. Urca Filmes
Acervo Sérgio Bernardes / Mana Bernardes – gestora
e detentora dos direitos patrimoniais do acervo junto
a Pedro Wladimir Bernardes, Lola Maria Bernardes,
João Wladimir Bernardes, José Wladimir Bernardes e
Rosa Bernardes

Drika de Oliveira – gestora e preservadora
audiovisual do acervo / Beatriz Nunes – gestora e
preservadora audiovisual do acervo



Desenho de LÍVIA SERRI FRANCOIO

Ñamandu, nosso pai primeiro, criou cinco
palmeiras azuis:
a morada na Terra está atada a essas
palmeiras eternas.

As plantas sustentam o mundo.
A selva sustenta o céu.
A seiva anima a vida.

AILTON KRENAK (1953)

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O Amanhã Não Está à Venda* (Companhia das Letras, 2020) e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020).

ANNA DANTES (1968)

Seu trabalho estende a experiência de edição para outros formatos além dos livros. Há dez anos realiza, junto ao povo Huni Kuĩ, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva. Em 2018, criou o Selvagem.

CRISTINE TAKUÁ (1981)

É filósofa, educadora e artesã indígena, vive na aldeia do Rio Silveira. Na comunidade do Rio Silveira é professora da Escola Estadual Indígena Txeru Ba'e Kuai' e também auxilia nos trabalhos espirituais na casa de reza. É também Fundadora e Conselheira do Instituto Maracá. Representa o núcleo de educação indígena dentro da Secretaria de Educação de São Paulo e é membro fundadora do FAPISP (Fórum de articulação dos professores indígenas do Estado de São Paulo).

<https://www.youtube.com/watch?v=7hzjVxUOjc8>

DÉA TRANCOSO (1964)

Alcidéia Margareth Rocha Trancoso, conhecida profissionalmente como Déa Trancoso é uma cantora, compositora e produtora cultural brasileira. Filha de pais seresteiros, foi influenciada pelos violeiros, cantadores, congadeiros e foliões do Vale do Jequitinhonha, sua terra natal. Seu trabalho incorpora sonoridades e referências a diversas manifestações da cultura popular nacional, como catimbó, coco, acalanto, lundu, congo dobrado, maracatu, batucão, moda de viola, samba de caboclo e de roda.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Déa_Trancoso

DUA BUSË

Dua Busë (Manoel Vandique Kaxinawá) é hoje o maior pajé vivo na região do Jordão, considerando as suas três terras indígenas. Tem mais de 85 anos e mora na Aldeia Coração da Floresta com sua mulher Teresa e sua família. **Dua Busë** é especialista no manuseio de medicinas da floresta e na cura de seus parentes. Ele é coordenador do projeto “*Una Shubu Hiwea - Livro Escola Viva*” da Dantes Editora. Também contribuiu decisivamente na elaboração do livro *Una Isĩ Kawayá* (Livro da Cura do povo Huni Kuin do Rio Jordão). Além disso, é grande especialista nas histórias dos antigos (*Shenipabu Miyui*), catalogando cerca de 50 mitos de seu conhecimento. Ele participou do Selvagem Ciclo no Rio em 2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=8StZqpenlng>

MATEUS ALELUIA (1943)

Filho e fruto de Cachoeira (BA), é cantor, compositor e pesquisador da ancestralidade musical pan-africana do Brasil. Nas duas décadas que viveu em Angola compôs o último disco dos Tintoos, mas foi à pesquisa antropológica e cultural que dedicou grande parte do seu tempo. Contratado pela Secretaria de Cultura de Estado de Angola viajou o país ao encontro de mestres e mestras dos mais diversos saberes. No retorno ao Brasil, em continuidade à sua trajetória artística, lançou dois aclamados álbuns, *Cinco Sentidos* e *Fogueira Doce*, que junto com a obra dos Tintoos são referenciados como matrizes culturais afro-brasileiras.

<https://mateusaleluia.com.br>

EDILENE YAKA HUNI KUIN (1996)

Yaka Huni Kuin é uma artista visual e aprendiz da floresta. Do povo Huni Kuĩ, nasceu na aldeia Chico Curumim, Terra Indígena Kaxinawa do Rio Jordão, no Acre, e vive no município de Jordão. Na esteira do pai Ibã Sales e do irmão, que integram o Movimento dos Artistas Huni Kuĩ (MAKHU), ela trabalha com pinturas em tela desde os 15 anos, quando começou transmitir as visões que tinha com o *nixi pae*, ayahuasca, para as telas e para o papel. Hoje, além de sobreviver de sua pintura e ter participado de exposições, Yaka também faz tecelagem e artesanatos, tendo como referência as músicas, pinturas corporais e os *kene*, geometrias de seu povo.

<https://rectyty.com.br/yaka-huni-kuin/>

ISAKA MENEGILDO HUNI KUIN (1985)

Isaka Menegildo é artista plástico Huni Kuĩ e vice-presidente do Instituto Yube Inu. Aos 10 anos de idade, Isaka começou a aprender português e cinco anos mais tarde desenhou pela primeira vez, registrando as histórias e os seres encantados do seu povo.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa639056/menegildo-paulino-kaxinawa>

TATULINO MACÁRIO KAXINAWÁ IXÃ

É artista Huni Kuĩ. Mora na aldeia Flor da Mata, à beira do rio Tarauacá, na Amazônia acreana. Os trabalhos apresentados nesta flecha foram realizados no âmbito da exposição *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva.

<https://almaacreana.blogspot.com/2019/12/yube-inu-dua-buse-historia-do-cipo.html>

ALEXANDRE VOGLER (1973)

Autor de obras provocativas, este artista plástico carioca evoca o espaço público como lugar de expressão e a cidade como campo de experiências. Suas intervenções buscam questionar e alterar a paisagem urbana. Vogler usa códigos sociais de forma a colocá-los em situação de desajuste, em um trabalho bastante permeado pelas relações de poder e pela periferia.

<http://www.alexandrevogler.com.br/>

GERALD McDERMOTT (1941-2012)

Foi um cineasta americano, criador de livros infantis ilustrados e especialista em mitologia. Seus trabalhos criativos geralmente combinam cores e estilos brilhantes com imagens antigas. Seus livros ilustrados apresentam contos populares e culturas de todo o mundo.

https://en.wikipedia.org/wiki/Gerald_McDermott

THIAGO CARVALHO WERA'I (1989)

Jornalista, fotógrafo e cineasta indígena residente na cidade de São Paulo. Dirigiu filmes como *Atrás da pedra: resistência tekoa guarani*, *Ei Yma Guare - O mel do passado* e *Avaxi Ete'i - Milho Verdadeiro*. Usa as ferramentas da fotografia e do cinema para documentar a cultura, resistência e ancestralidade indígena, assim como o respeito com a terra e a natureza.

<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7400-o-longo-caminho-ao-interior-de-si-em-busca-da-identidade>

CAMILLA COUTINHO SILVA (1982)

Fotógrafa e produtora audiovisual que retrata as práticas indígenas há 10 anos e traz em suas imagens a atmosfera do sagrado existente na cultura dos povos da floresta.

<https://www.instagram.com/camillacoutinhosilva/>

ELISA MENDES (1983)

Elisa experimenta imagem e palavras com trabalhos em fotografia, direção de fotografia, direção audiovisual e poesia.

<https://elisamendes.com/director-dop>

JOSIAS MANÁ KAXINAWÁ

Agente agroflorestal indígena Kaxinawá do Rio Jordão, ex-presidente da Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC) e co-idealizador do *Lugar do Real* que é um projeto da AO NORTE - Associação de Produção e Animação Audiovisual.

<http://lugardoreal.com/video/os-cantos-do-cipo-huni-meka>

TADEU SIÃ KAXINAWÁ (1976)

Tadeu Mateus Kaxinawá (Siã) é liderança da aldeia São Joaquim/Centro de Memórias, Terra Indígena Kaxinawá Baixo Rio Jordão. Nascido em 1976, já trabalhou como professor por 15 anos. Atualmente é professor-pesquisador e supervisor da educação escolar indígena. É coordenador do ponto de cultura *Beya Xinã Bena* (Cultura Novo Tempo) e também representante-geral do *Centro de Memórias*. Começou a trabalhar desde 2004, escolhido pela Comissão Pró-Índio/AC para ser realizador indígena do povo *Huni Kuĩ* do Jordão e começou a trabalhar com Vincent Carelli no *Vídeo nas Aldeias*. Já trabalhou com Zezinho Yube no filme *Huni Meka, Os Cantos do Cipó* (2006), no documentário *Xinã Bena, Novos Tempos* (2006), no filme *Katxanawa* (2008), em *As Voltas dos Kene* (2012). Trabalhou com seu pai, o pajé Agostinho Ikamuru, sobre a pesquisa da medicina tradicional, fizeram o Livro e o filme chamado *Shuku Shukuwe: A vida é para sempre* (2012). O último trabalho que fez junto com seu pai, pajé Muru, foi o *Livro da Cura*, junto com o Jardim Botânico.

<http://www.gamehunikuin.com.br/beyaxinabena/grupo-6/tadeu-sia/>

REMBER YAHUARCANI (1985)

É um artista visual, escritor e ativista. Ele pertence ao povo **Uitoto Áimen**, e vive entre Pebas - sua cidade natal situada no norte do Peru - e Lima, onde migrou em 2003. Sua prática artística explora a mitologia **Uitoto** e os mundos amazônicos, trabalhando ao lado de sua prática ativista que insta/prima ao respeito dos mundos indígenas.

<https://terremoto.mx/revista/amazonismo-el-arte-de-los-espiritus/>

MARIA KLABIN (1978)

Artista visual e historiadora da arte; a sua obra envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, ela extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações da artista.

<https://nararoesler.art/artists/88-maria-klabin/>

TAUA KLONOWSKI (1992)

Diretor de fotografia, cinegrafista e operador de drone. Apaixonado pelos detalhes da vida e a arte do olhar aéreo sobre territórios, espaços e lugares.

<https://www.flickr.com/people/tauaklonowski/>

CHONON BENSHO (1994)

É artista indígena, do povo **Shipibo-Konibo** do Peru. Ela descende dos tradicionais sábios medicinais **Onanya** e das mulheres que preservaram as tradições artesanais e artísticas de seus antepassados. Ela foi criada, desde criança, em um ambiente tradicional em sua língua nativa e foi curada com as plantas medicinais usadas pelo povo que se esforçava para se tornar mestre dos desenhos do **Kené**. Seus desenhos expressam a visão filosófica e espiritual das nações indígenas e atendem à busca de beleza e equilíbrio. A arte **Kené** leva em conta a profunda relação entre os seres humanos, o território ancestral e os mundos espirituais.

<https://siwarmayu.com/chonon-bensho/>

LASTENIA CANAYO (1962)

Artista indígena, do povo Shipibo-Konibo e seu nome nativo é *Pecon Quena*, “ela que chama as cores”. Sua concepção animista da natureza lhe permite capturar através do desenho, pintura e bordado, representações de seres que, na cosmovisão deste povo, são os protetores da natureza. Os “donos”, chamados *lbo* na língua Shipibo, são espíritos que dão às plantas e aos animais poderes para agir sobre o mundo e transformá-lo.

<https://lastenia.ruraqmaki.pe>

MAX COOPER (1980)

Músico, DJ e artista interdisciplinar. Interroga e promove a interseção entre música eletrônica, arte visual, tecnologia e ciência nos últimos dez anos. Sua música é exuberante, emotiva e grandiosa, e a maneira como ele dá vida a isto, usando tudo, desde o posicionamento binaural do som até o painel visual 360°, é meticulosa, técnica e muitas vezes poderosa de se ver.

<https://maxcooper.net>

MAXIME CAUSERET

Diretor, artista *Houdini Fx* e artista *Motion* residente na França. Mesmo passando por algoritmos e lógicas matemáticas, o objetivo de Causeret é de criar imagens sensíveis através de suportes tecnológicos. Às vezes trabalha com efeitos muito realistas, mas também gosta de projetos experimentais.

<https://teresuac.fr>

KARL BLOSSFELDT (1865- 1932)

Foi um fotógrafo, escultor e professor alemão na virada do século XX. Suas fotos, em macro, da natureza, tiveram grande influência sobre os ornamentos orgânicos do design e das artes.

<https://www.moma.org/artists/24413>

KATI ROOVER (1982)

Artista multidisciplinar que aborda as mudanças ambientais através da imaginação poética residente em Helsinque, capital da Finlândia. Suas

obras são frequentemente baseadas em diferentes formas de formar conhecimento, bem como no conceito fugaz de um lugar no meio de mudanças ambientais maciças. Ela cria trabalhos que combinam sua pesquisa com uma ampla gama de perspectivas, por exemplo, interação humano-não-humana, ciências naturais, pensamento ecológico e descolonial, escuta profunda, narrativa mítica, novos materialismos feministas e filme de ensaio documental. Ela trabalha com imagem em movimento, som, fotografia, texto e instalações.

<http://www.katiroover.com>

ALEXANDER SHIMPUKAT SORIA (1987)

Alexander Shimpukat (Shimpuarte), artista visual, ativista cultural do povo *Shipibo-Konibo* e um dos fundadores do *Comando Matico*, a equipe de conhecedores de plantas que ajuda os pacientes da Covid-19 na Amazônia peruana.

<https://www.peru.alestfestival.com/peliculas-2021/kené%2C-memoria-viva-de-la-naturaleza>

JEFFREY VENTRELLA (1960)

É um artista digital, designer de software e estudioso da interação homem-computador, trabalhando na intersecção da arte, ciência e matemática, com uma forte orientação na teoria evolutiva e suas implicações para novas fronteiras no design de tecnologia. Jeffrey desenvolveu muitas experiências de aprendizado interativo e publicou trabalhos sobre vida artificial, mundos virtuais, interação humano-computador, realidade aumentada e arte matemática. Ele é o criador de vários projetos interativos, disponíveis no site abaixo. Ele também é o criador do *GenePool*, uma clássica simulação de vida artificial.

<https://www.ventrella.com>

SÉRGIO BERNARDES FILHO (1944-2007)

Filho do arquiteto Sérgio Bernardes e neto do jornalista Wladimir Bernardes, Sérgio Bernardes foi um cineasta brasileiro. Seu primeiro longa-metragem, *Desesperato* (1968), recebeu por unanimidade o prêmio de melhor filme no Festival de Belo Horizonte e, logo em seguida, foi censurado pela ditadura. Depois de anos em exílio na França, quando

voltou ao Brasil, Sérgio partiu em diversas expedições pela Amazônia e o interior do país.

<http://tamboro.blogspot.com/>

ESTEVÃO CIAVATTA & REGINA CASÉ (1968 E 1954)

Estevão é diretor, roteirista, fotógrafo e produtor de cinema e TV. É sócio-fundador da Pindorama Filmes. Regina Casé é uma atriz, autora, diretora, produtora e apresentadora brasileira. Juntos, integram o programa de TV *Um pé de quê?*, que conta com a direção de Ciavatta e apresentação de Casé. O programa fala sobre as árvores brasileiras, de todos os biomas, aproximando as mais diversas espécies ao dia a dia das pessoas. No ar há mais de 20 anos, *Um pé de quê?* serve de material educacional em inúmeras escolas e instituições por todo o país.

<http://www.umpedeque.com.br>

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br.

Este caderno conta com a especial participação de Natalia Amarinho, que redigiu as biografias dos artistas, e de Isabelle Passos, que realizou a editoração.

NATÁLIA AMARINHO (1983)

Astrofísica e Comunicadora Pública da Ciência. Nem de terra, nem de mar, nem de cidade, nem de floresta, nem só de exatas nem apenas de humanas. Acredito que, na ciência, na vida e na política, os segredos estão na transdisciplinaridade: tento estar em experiências diversas, nos interstícios e nas misturas entre corpos e ciências, artes e tecnologia.

FICHA TÉCNICA

IDEIA ORIGINAL E NARRAÇÃO Ailton Krenak
DIREÇÃO, ROTEIRO E PESQUISA Anna Dantes
PRODUÇÃO Madeleine Deschamps
EDIÇÃO DA FLECHA AUDIOVISUAL Elisa Mendes
ANIMAÇÕES Lívia Serri Francoio
TRILHA SONORA Gilberto Monte e Lucas Santtana
CONSULTORIAS Dua Busë e Cristine Takuá
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO Victoria Mouawad e Laís Furtado
TRADUÇÃO Gabriel Paixão e Hatxa Kuin
COMUNICAÇÃO Christine Keller, Cris Muniz Araujo, Daniela Ruiz,
Esther Lopez, Mauricio Boff e Natália Amarinho (Comunidade Selvagem)

AGRADECIMENTOS

Acervo Sérgio Bernardes – Mana Bernardes e Drika de Oliveira
Alexander Shimpukat Soria (Shimpuarte)
Alexandre Vogler
Ana Carvalho
Ana Luísa Fonseca
Artworx – Elinar Göhring
Camilla Coutinho Silva
Carlos Papá
Chonon Bensho
Cristine Takuá
Digo Fiães
Dua Busë
Jeffrey Ventrella
Juliana Nabuco
Kati Roover
Kawa Huni Kuin – Noel Domingos Sales Kaxinawa
Lastenia Canayo (Pecon Quena)
Luiz Zerbini
Maria Klabin
Mateus Aleluia
Paulo Herkenhoff
Rember Yahuarcani
Taua Klonowski
Tenille Bezerra
Vera Fróes
Vincent Carelli



NI XAXA KAINI
nasceu cipó da floresta

ÊA KIA UNÂNI
eu que revelei

NIXÎ XÎNA UNANI
conheci sua ciência

ÊA KIA TAPINI
eu entendi sua ciência

NIXÎ XÎNÃ TAPINI
entendi o pensamento de cipó



UKE NAI UKEA
de cima lá do céu

BARÎ SÎTÃ BUTUNI
desceu arco íris de sol

ÛÎKAYA TANIMÊ
vendo isso em verdade

BARÎ SITÃ BUTUNI
desceu arco íris de sol

PAXÎ KETARAMETÃ
colorido com amarelo em volta



SHÛ ITI KENANI
chamou a força da cura

SIRI IKA AINBÛ KENANI
foi a mulher jibóia que chamou



ISÎ YUXÎ NITXÎNI

curou o espírito na força forte

HAKI PAE TXITENI

a força que está em você

SIRÎ SIRÎ IWANÂ

cantando

SIRI SIRI / PAE TUE SHUNAMÊ

mandando a força forte embora



SHA IPA BAINI

vai embora força forte

PAE BUA KAYA

agora mesmo diminua sua força
clareando, clareando.



SIRI SIRI III HAUX HAUX

ESKAWASHUNIKIAKI

é assim que ela cantou para ele.

Recortes de pinturas dos seguintes autores:

EDILENE YAKA,

Yube Nawa Aibu, aldeia Xico Kurumim.

Coleção particular

ISAKA MENEGILDO HUNI KUIN,

Yube Inu Dua Buse, aldeia Boa Vista.

Coleção Particular

TATULINO MACÁRIO KAXINAWÁ IXÃ,

Yube Inu Dua Buse, aldeia Flor da Mata.

Coleção MAR - Museu de Arte do Rio

Secretaria Municipal de Cultura da cidade
do Rio de Janeiro / Fundo Z



CAMILLA COUTINHO SILVA,
Dua Buse aplicado de sananga,
filmagens para Una Shubu Hiwea, 2017
Dantes Editora e Itaú Cultural

cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

